

## Ecologia: o meio ambiente e a responsabilidade moral!

*Paulo Faitanin* - Depto. Filosofia/UFF



Ecologia

A crise moral que há muito se vivencia no mundo contemporâneo tem influenciado no aumento da miséria do homem. Quando digo miséria, não me refiro apenas à pobreza, enquanto isso significa a falta de recursos materiais básicos para o desenvolvimento digno da vida humana. Esta, infelizmente, desde há muito, é evidente entre nós. Incluem-se, também, no rol dos infortúnios das ações humanas a degradação ambiental decorrente da irresponsabilidade humana. Toda ação humana não é indiferente.

Toda ação produz uma reação. Se o homem não age com respeito com relação aos recursos naturais do planeta em que vive, de algum modo pagará a conta mais cedo ou mais tarde por sua insensatez. O fato é que a natureza, o meio ambiente, já está cobrando o seu crédito. O débito do homem com a natureza já é impagável. Faz justiça aquele conhecido ditado que afirma que Deus perdoa sempre, o homem algumas vezes, mas a natureza nunca. Como o homem poderia pagar este débito? Diz-se que a natureza é dadivosa e sempre encontra uma saída. Lentamente recompõe o que foi destruído. Será isso verdade? Pagaremos para ver? E de que adianta a generosidade do universo inteiro se o homem não modificasse as suas atitudes? A crise moral humana atinge profundamente o meio ambiente. Não é de se espantar que tenha ocorrido isso, pois a imoralidade humana não tem seus limites só no que diz respeito ao que o homem faz consigo mesmo, ou, com outrem, mas com tudo o que lhe rodeia. Por que se demorou tanto a identificar que a degradação do meio natural tinha na base a irresponsabilidade humana? Duas hipóteses me ocorrem: uma de que por ser a natureza tão diversificada e grande não se deu ao longo dos anos à devida atenção aos próprios limites e fragilidades de alguns dos seus ecossistemas e isso, talvez, por causa da própria ignorância científica ou da idéia de que a natureza fosse possuidora de um poder restaurador que a tudo reproduziria e conservaria. Contudo, nenhuma das alegações feitas consegue justificar a exploração exacerbada destes meios naturais, exceto o cego interesse egoísta de enriquecimento a custas da exploração natural.

Nem mesmo o mais primitivo dos homens agiria assim, com tamanho desrespeito à natureza. E por que não? Por que sabiam que seus sustentos,

abrigos e meios de vida saíam daquela a que muito oportunamente eles chamavam ‘mãe natureza’, pois em seu seio encontrava tudo necessário para a manutenção de suas vidas. Respeitavam-na porque a conheciam e com ela viviam em harmonia.

Com isso não se quer dizer que devamos ser todos ‘naturebas’, ou que devêssemos todos migrar para as matas. Não, definitivamente não se trata disso, mas de estabelecer um modelo de desenvolvimento responsável sustentável com a preservação dos recursos naturais. Mas isso depende de uma radical mudança da postura moral do homem frente à natureza. Outra hipótese que poderia ser aludida como justificativa do descaso do homem com relação à ecologia, estaria, sobretudo, no fato de que o homem confia plenamente no poder de sua racionalidade para encontrar um caminho para a sua recuperação. Sabemos o quão ilusório é isso. Motivados pela ambição do poder e enriquecimento e ainda fortemente abalizado pela idéia de uma severa industrialização e urbanização de tudo, os homens dos últimos séculos, confiáveis absolutamente no poder do dinheiro, da ciência e da técnica, exploraram para além do que podiam e deviam, não dando sequer a chance de que a natureza pudesse revigorar-se.

Não foi por falta de sábios avisos de alguns ilustres homens, que atentos a esta situação denunciaram em diferentes épocas a catástrofe que poderia advir se o homem desde já não respeitasse a natureza. Mas não foram apenas os homens que avisaram, pois a própria natureza vinha dando sinais de que a ação humana estava causando-lhe um profundo mal. Muito sabiamente alguém disse que a natureza geme as dores, como as de um parto, mas não sabe se seu filho nascerá e se nascer, se sobreviverá.

Diversas pesquisas laboratoriais, com diversas espécies de animais e plantas, desde o início da Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra e estendida por quase todo hemisfério Norte e, depois, para uma pequena parte do hemisfério Sul, davam notas de que a exploração dos recursos naturais não deixaria impune a irresponsabilidade da ação predadora do homem.

Os séculos se passaram e hoje vemos como são notáveis em nosso dia-a-dia as mudanças climáticas, a diminuição da flora e da fauna de seu habitat natural, a escassez de recursos hídricos, o desmatamento, transposições de cursos de rios, soterramento de leitos e de litorais. Particularmente vivemos uma expectativa com as descobertas de novas jazidas de minérios e de bacias de petróleo e bolsões de gás natural. Seria efetivo motivo de alegria se tais

recursos fossem responsabilmente explorados e que seus recursos trouxessem benefícios para todos, sem exclusão. No entanto, por mais jazidas e bacias que se descubram, só serão compensatórias tais descobertas se conseguirem suplantar a miséria humana e recompor a degradação ambiental causada, fatos que nenhuma estatística consegue esconder.

Talvez, nem mesmo os cientistas pensassem que fosse acontecer tão rápida a necessidade de uma mudança. Acreditavam que a conta seria paga por futuras gerações. Por isso só agora e ainda com muita relutância da parte das potências que mais exploraram o meio ambiente, se começa a discutir o tema não só em fóruns científicos, políticos e econômicos, mas também nas escolas e inclusive nas mesas de bares.

Não há quem duvide de que a recessão norte-americana do mercado imobiliário deste ano tenha a ver com a reação mundial contra a irresponsabilidade do desmatamento florestal constante, sem a reposição das árvores, em razão do incremento de produção de imóveis, 90% feitos de madeira nativa ou importada, que seguia um projeto de construção revitalizado e implantado há mais de décadas, depois da segunda-guerra mundial, cujo lema dava para entrever o quanto seria explorado os recursos naturais nas décadas seguintes: todo americano deverá, nas próximas décadas, possuir seu imóvel e o seu próprio automóvel.

Obviamente, o setor energético, especialmente o petroquímico, o maior explorador dos recursos naturais, se encarregou de desrespeitar todas as leis internacionais para fazer jus ao sonho americano, mas não só do americano, porque por nossas terras e em muitos outros países, cultivou-se esta promessa, especialmente a partir dos anos 50. Não se trata de condenar o sonho que em si é lícito e justo, mas de aceitar facilmente as estratégias que a viabilizam e que não respeitam nem a natureza e menos ainda ao próprio homem.

No Brasil também ocorreu nos idos anos 50 este ideal, mas por diversas outras razões e, sobretudo, pela existência de problemas básicos ainda mais importantes e não solucionados, como o saneamento básico, reviu-se o lema, muito mais por pressão de vários setores da população do que por iniciativa própria do governo.

Como priorizar a posse de um automóvel ou mesmo de uma moradia se a maioria da população sequer tinha acesso a saneamento básico e ficava a

mercê das doenças transmitidas por mosquitos? Não parece algo muito atual? Há quase meio século pululavam estas preocupações no seio da sociedade brasileira. Ilustres cientistas brasileiros devem estar revoltos em seus túmulos pela calamitosa falta de atenção, não por parte da advertência dos especialistas ou dos meios produzidos que pudessem supri-las, mas por falta de prioridade das competências políticas, sanitárias e econômicas para tratar com consideração devida o perigo alarmente do retorno das enfermidades que há tempos foram banidas.

Paradoxalmente, algumas doenças ainda que epidêmicas, tornam-se exclusivamente geográficas, por ocasião de certas festividades locais, como o carnaval, para que não se manche a festa popular ou para que não se mostre o descaso das ordens competentes daqueles três setores citados, não havia perigo de contrair a febre amarela durante o carnaval nos dois maiores centros de festas carnavalescas no Brasil (Rio de Janeiro e Bahia).

Estas e tantas outras atitudes são de desrespeito à população e são respaldadas muitas vezes com a nossa própria conivência; e são efetivamente de uma enorme irresponsabilidade moral, porque não se preocupam com a pessoa humana, mas com os interesses que circundam os retornos financeiros e poderes políticos. Qualquer problema ecológico tem seu fundamento numa irresponsabilidade humana se resulta de alguma ação interventora humana irregular.

Diante de tudo isso não basta fundar mais 'ongs', plantar mais árvores, não desperdiçar água, ou não sair com o automóvel alguns dias ou mesmo mudar para um automóvel que consuma o biodiesel. Sequer é suficiente engajar em movimentos para proteger as tartarugas marinhas se por outro lado, de modo contraditório e inseqüente, se é favorável ao aborto. Se acaso isso ocorresse, em breve seríamos o país do futuro... porém das tartarugas. Que incoerência seria, sem mais, dizer que se reduz igualmente a um tema ecológico o da vida humana. De fato, se for problema ecológico é o mais importante de todos, porque se não se salva a vida humana, de que valeria salvar a vida das tartarugas? E se diminuíram as tartarugas foi por ação irresponsável do homem. É óbvio que não só elas, senão toda a natureza merece ser salva, porque a vida humana depende disso, mas propor isso sem confundir os discursos, nem sobrepor valores.

É preciso uma mudança ainda mais radical, nada simples, que é a tomada de consciência de que os recursos naturais são escassos e que urge que se

preserve e conserve o meio-ambiente para o benefício da própria vida humana. Mas nada disso seria possível se antes não houvesse uma mudança de comportamento que fosse de dentro para fora, ou seja, de que cada um procurasse assumir, mesmo diante de muitas dificuldades, a responsabilidade por todos os seus atos e que, de uma forma ou de outra, contribua para melhorar o entorno em que vivemos.

É pouco pensar que sou politicamente correto só porque jogo o papel na lixeira ou que mantenho as coisas da minha casa, do meu trabalho, da minha escola em ordem, isso não é mérito algum, pois qualquer um seria capaz de fazer isso para preservar aquilo que para ele tem valor, mesmo o mais infame bandido seria capaz de fazer isso pelo simples fato de não ter o piso de mármore importando de sua mansão sujo. Ser moralmente correto não é apenas ser educado no sentido de que possua uma boa formação na melhor escola. É mais! O que é ser moralmente correto? É, sobretudo, agir com consciência, ou seja, sabendo o que se deve fazer e como fazer, e com liberdade, ou seja, ser capaz de escolher fazer o certo e o que se deve, não apenas por fazer, mas fazer prol da verdade e do bem comum, mesmo que esta ação, a escolha feita, seja difícil e contrária aos interesses particulares.

Isso é responsabilidade moral! E não posso medir a minha vida moral com a régua que mede a irresponsabilidade moral dos outros, sob a alegação de que se os políticos não fazem, por que devo fazer? Ser exemplo de atuação responsável moral na vida em sociedade é estabelecer entre os mais próximos uma padrão de conduta moral. Não está fora de moda e nunca estive tentar ao menos agir com responsabilidade moral. Talvez haja aqueles que sintam grandes dificuldades de conseguir superar os seus interesses e prazeres particulares, mas isso não significa que seja impossível. De fato, ninguém nasce moralmente perfeito, pois isso não é herança genética, senão que se constrói e com muito esforço ao longo de nossa vida. Nada que seja bom é muito fácil! Quanto de sacrifício se exige para ganhar uma medalha de ouro? Muito!

Quando devo começar a minha caminhada de mudança de vida para ser mais responsável moralmente comigo, com os outros e especialmente com o meio ambiente? Já não sou muito velho para isso? Não sou ainda muito novo? Muitas destas dúvidas poderiam justificar a tentação de deixar passar a oportunidade de lutar para ser mais correto no que se refere à minha ação. E não há necessariamente um momento que seja propício para começar, todos os momentos de nossa vida são propícios para este recomeço, embora,

seja uma verdade que é mais fácil adquirir as virtudes morais quando ainda somos jovens, com a cabeça mais fresca e com as paixões ainda não tão fortes, pois, uma vez contraído um vício na infância ou na juventude, seja qual for, o comportamento egoísta, com o passar do tempo, se não modificado, fica mais difícil de remoção, ainda que não impossível, e a dificuldade é a da própria fraqueza do indivíduo que não encontra forças, ânimo, em si mesmo e, inclusive apoio de outros e, às vezes, muito menos da sociedade, para mudar, ainda que interiormente queira profundamente mudar. Sabemos por nossa própria experiência, pois conhecemos nossos próprios defeitos, como é difícil superar um comportamento que há muito tempo permanece enraizado na minha ação a ponto de escravizar ou mesmo aniquilar a minha própria vontade livre de não querer realizá-lo.

Diante da dificuldade que é ser responsável moralmente alguém poderia dizer que é preferível acomodar-se e ‘deixar a vida nos levar’. Quero acreditar que esta não seja a atitude mais comum, mesmo ainda que fosse a mais propalada, porque acredito verdadeiramente na pessoa humana, em sua capacidade de, mesmo no fundo do poço, conseguir reverter as situações mais impossíveis. Imaginem se todos nós pensássemos assim? Sequer poderia haver vida se todos nós assumíssemos uma vida de irresponsabilidade moral. Talvez sequer estivéssemos vivos, pois nada impediria que os médicos não fizessem os partos em vista de algo melhor que pudesse estar fazendo. Requer-se para o mínimo de ordem a responsabilidade moral.

Apesar da fraqueza moral humana, há sempre no homem, persiste nele, um desejo que não se apaga de ser feliz, de encontrar as soluções para os seus mais profundos anseios. Talvez esta seja a maior motivação pela qual valha a pena procurar a mudança de vida na aquisição de virtudes, que tornem mais responsáveis minhas atitudes.

Mas o que me garante que a responsabilidade moral me deixa mais feliz? Alguém poderia argumentar isso desde uma mentalidade pragmática, ou seja, de que deva haver algum benefício concreto para ser moralmente correto. Nossos travesseiros são, talvez, nossos maiores testemunhos de satisfação e insatisfação de coisas que fizemos ou não em vista de alguma recompensa. Algumas vezes eles também testemunham, umedecidos por lágrimas, a dor que é ter feito algo quando não poderia tê-lo feito ou da alegria de ter conseguido fazer uma coisa certa e boa que julgava difícil e pessoalmente incapaz de realizá-la.



É, pois, este bem estar do espírito que imprime em nós as ações com responsabilidade moral. Cada um de nós conhece esta experiência, independente da idade e da situação. É este conforto inigualável, já que nenhum prazer sensível lícito ou ilícito poderá oferecer-me, na mesma proporção, tamanha satisfação, porque é algo que risca e marca profundamente o nosso ser, enquanto os prazeres individuais passam muito rapidamente, este toca a nossa alma é registrado por toda a nossa vida.

Concluindo, o compromisso de preservar o meio em que nós vivemos exige uma mudança de vida que suponha modificar, na base, aquilo que é a causa da degradação do nosso entorno, a saber, nossa atitude moral, pela busca de aperfeiçoamento de nossa inteligência com informações verdadeiras e na educação dos nossos desejos e vontades, mediante a aquisição de virtudes que fortaleçam as decisões para que sejam favoráveis ao bem comum e não aos prazeres, comodismo e interesses particulares, pois já conhecemos na pele, literalmente falando, quando as ações humanas não seguem uma orientação moral.